Simpósio Temático 24

Hilmaria Xavier Silva - Universidade Federal de Campina Grande
Paulo Marcio Coutinho Passos - Fundação Universitária de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão

Título da Comunicação: Histórias de migrantes: modos de viver e trabalhar na periferia de Campina Grande na década de 1960.

RESUMO: A partir do final da década de 1940 e início de 1950, Campina Grande passa por uma significativa urbanização e expansão, favorecida pelo crescimento econômico, o qual se deu sobretudo em função da produção do algodão em larga escala, com a chegada do sistema de abastecimento de água, de energia, de esgoto, bem como, com a concentração de serviços públicos e privados, que, por conseguinte, acarretaram um adensamento populacional. Observamos que trabalhadores do campo migraram da zona rural para a zona urbana de Campina Grande, à medida em que o trabalho na lavoura estava se tornando inviável por causa das secas e viam no centro urbano de Campina possibilidades outras de trabalhar e ter condições de vida mais dignas. Nosso trabalho intenta refletir sobre como alguns populares migraram para Campina Grande no fim da década de 1950 e década de 1960, modificando suas práticas no mundo do trabalho e alterando as características da malha urbana, já que, concentrando-se na periferia, homens e mulheres outrora lavradores passaram agora a desempenhar funções de vigilantes, pedreiros, lavadeiras, vendedores ambulantes, carroceiros, quebradores de pedra, dentre outras. A partir do problema colocado, enfatizamos o interesse em analisar práticas culturais e sociais que colocam as possibilidades de vivenciar e experimentar o espaço urbano pelos populares, reorganizando aquele espaço, atentando para as práticas e estratégias que dão significado próprio ao seu viver em periferia e que burlam a ordem estabelecida ou desejada pela classe mais abastada. É através de relatos de acontecimentos específicos e particulares, de homens e mulheres trabalhadores, que escrevemos uma história desses populares. Assim, valorizamos a experiência dos atores sociais, as táticas e estratégias que se configuravam, as experiências individuais ou coletivas sobre o contexto social no qual aqueles atores estavam inseridos. Atentamos para como as memórias representam as experiências e os espaços habitados, como se deu para aquelas pessoas o processo de reterritorialização espacial e subjetiva. Valorizamos a liberdade dos sujeitos sem perder de vista as relações de poder. Valorizamos algo que pela historiografia tradicional eram considerados documento, fonte e metodologia menores: os relatos de memória e a história oral. Deste modo as narrativas pessoais ganham uma dimensão social, e nós historiadores podemos ter a consciência de que os nossos caminhos de análises estão sempre em construção.